

DOS ESTUDOS LITERÁRIOS À CRÍTICA CULTURAL: A POLITIZAÇÃO DO OLHAR

Fagner Costa e Silva¹

Resumo: O projeto de mestrado, O romance morreu: Rubem Fonseca e a construção do personagem autobiográfico, teve sua gênese teórica no campo dos Estudos literários e migrou para uma perspectiva Crítico cultural. O trabalho que se segue apresenta uma abordagem panorâmica de como este processo de migração se deu, mostra as principais dificuldades encontradas na reformulação da pesquisa, a qual deixou de ter uma predominância de análise estética da obra e adquiriu contornos político/cultural. O texto também aborda o trajeto que o discente percorreu no primeiro semestre na investigação do conceito de Crítica cultural e seus crivos, e como esta busca transformou seu olhar na apreciação do objeto de trabalho.

Palavras-Chave: Crítica cultural. Migração. Personagem Autobiográfico. Estudos literários.

“A crítica cultural não é uma crítica ‘cultural’” (JUSTINO, 2015, p. 11). Para quem deseja adentrar nos estudos pautados pela crítica cultural, a afirmação em destaque é no mínimo frustrante. Luciano Barbosa Justino², ao prefaciá-lo livro *Primeiros passos de um crítico cultural (2015)*, de Osmar Moreira dos Santos, explica sobre a composição da área, não se fechando em nenhum conceito clarividente, utiliza um procedimento metodológico no qual deixa as definições trabalhadas sempre abertas. Duas outras teóricas corroboram com tal procedimento na tentativa de elucidação do que seria Crítica cultural: Eneida Maria de Souza (2012), que embora elenque em seu texto *Crítica cultural em ritmo latino americano* modos de atuar na área, suas origens e até seus princípios metodológicos, também não fecha a definição do espaço crítico cultural, e Nelly Richard (2005), reconhecida estudiosa do campo, que fala em seu texto sobre o caráter pluridisciplinar e muticultural da área, também deixa os conceitos que poderiam se referir ao universo de estudo da crítica cultural em aberto.

De início, para um neófito, como eu, esta postura pode causar um certo desconforto. Recém chegado ao campo, é comum procurar sua conceituação para alicerçar o objeto de trabalho, entre outras coisas, é importante ter uma perspectiva crítica cultural para escrever uma dissertação em um mestrado que leva o nome da área. Entre buscas e rizomas não consegui fechar tal conceito, não cheguei ao fim do primeiro semestre com êxito de encontrar um verbete satisfatório para campo de estudo. Talvez encontremos alguns, que satisfaçam os não muito exigentes, mas, ao contrário do que a área dos Estudos literários, que tem seu método de trabalho autoexplicativo em seu nome, nesse cenário, os espinhos são constantes para descrever sua atuação, e mesmo figuras que dedicam sua

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: bitencourt65@hotmail.com

² Santos (2015).

vida a muito mais tempo do que eu, a este campo do conhecimento, também reconhecem a dificuldade de conceituá-lo, como o professor Dr. Roberto Henrique Seidel

Não se pode considerar o conceito de crítica, nem tampouco o de crítica cultural como auto-evidentes, uma confusão mental prontamente se estabelece [...] Essa confusão pode ser explicada parcialmente por conta do adicional do adjetivo “cultural”- visto a própria noção de cultura estar longe de ser consensual (SEIDEL, 2008, p. 1)

Foi procurando aqui e ali, observando os protagonistas das definições, passando por muitos teóricos, anotando apressadamente as tentativas de definições dos professores que chego a uma parcial “conclusão”, inspirada no roqueiro filósofo Raul Seixas (1974) que diz: “Tem gente que passa a vida inteira travando uma inútil luta contra os galhos, sem saber que é lá no tronco que esta o coringa do baralho”. Antes de chegarmos aos fins (acredito que jamais chegaremos de fato), é importante compreender a engrenagem que movimenta o funcionamento da área e se chegarmos a um consenso sobre o campo (ou se formos aos galhos), ele se fecha, e com seu fechamento, poderá bloquear novas tentativas de estudos de outros objetos, com isso, a perspectiva de estudo pautada no campo da crítica cultural, se assemelha a idéia de Trotsky sobre revolução permanente, temos que nos ressignificar constantemente, a crítica cultural é nutrida pela transdisciplinaridade e a progressão das disciplinas que compõe seu corpo, inevitavelmente contribui para o desenvolvimento de sua sistemática, portanto, encontra-se sempre em transformação, e cabe a seus membros acompanhar tal progresso.

No decorrer deste primeiro semestre, assistindo as aulas do mestrado em Pós Crítica, tendo acesso a inúmeros teóricos, misturando as citações, sintomas de *dejavu* em diferentes leituras de diferentes componentes curriculares, se aprofundando em determinados temas, conhecendo a superfície de outros, se destaca uma impressão quase constatada; A política no campo teórico-acadêmico é encarada de maneira concreta, e assim como nos Estudos culturais ela mescla-se com a teoria³, trata-se de uma disciplina de ação, que procura entender como o conhecimento produzindo nas discussões em sala de aula poderá mudar a realidade fora dela, de maneira muito particular, isso foi o que mais mexeu comigo, tentar unir meu trabalho teórico com a ação. E partindo desta inquietação, surgiu o questionamento que fiz durante este tempo: Como meu projeto, genuinamente teórico (aparentemente), e pautado em um texto ficcional, poderia se transformar também um projeto político e de ação?

³ Souza (2012).

Encontrando-me no “tronco da árvore”, sigo algumas pistas, como um caçador faz com sua preza⁴, excluo e aceito algumas hipóteses, tento superar obstáculos epistemológicos que surgem no caminho⁵, busco frestas de sombras nas luzes do tempo da pesquisa⁶, e através delas tento vislumbrar um processo de análise para um objetivo que ao mesmo tempo possa ter um viés político e estético. Que se debruce sob a composição da obra artística, procurando enxergar as singularidades do autor enquanto produtor do texto ao tempo em que analisa as particularidades com social, com o local que a obra foi produzida, com as denúncias que fez ou deixou de fazer, e tentar comparar o cenário em que o documento/obra foi concebido com os dias que a pesquisa foi elaborada.

O silêncio é reacionário, e é reacionária qualquer atividade intelectual produzida hoje no Brasil, se não levar em conta o cenário político que o país atravessa, seja qual tema for abordado, temos, sempre que nos for dada oportunidade, alertar aos nossos leitores sobre o risco que corre o estado de direito e todas as conquistas sociais alcançadas nas últimas décadas. Meu trabalho não pretende se privar de fazer denúncias desta natureza, e será por esse caminho que devo me inserir numa crítica social e cultural, rompendo as barreiras entre teoria e prática, espero que meus escritos possam se somar com as vozes críticas no país, formando uma multidão pensante e indignada, não uma massa⁷, almejando dias melhores.

Foi inevitável não modificar o olhar sobre o meu objeto de pesquisa, influenciado pelos teóricos estudados em sala de aula, nas discussões com os colegas ou nas retóricas dos professores, minha perspectiva de trabalho transformou-se, partindo dos Estudos literários para a Crítica cultural, não chamaria de uma migração completa, já que parte significativa do alicerce teórico deverá se encontrar nesta primeira área, não pretendo abandoná-la, refutá-la ou negá-la, talvez criticá-la em alguns pontos, mas minha intenção é contribuir com sua ressignificação em algumas proposições e associada à teoria presente na área da Crítica cultural fazer uma análise precisa dos elementos políticos e teóricos.

Minha pesquisa encontra-se momentaneamente no patamar de profunda transformação ao que tange o olhar sobre o objeto analisado, o qual parte do teor ficcional que Rubem Fonseca traz em seu romance autobiográfico, *José Rubem Fonseca* (2011), e no seu livro de crônicas, *O romance Morreu* (2007), observamos que a construção de suas memórias pode ser fundada através de romances lidos durante sua vida, estas acabariam se misturando às histórias que viveu na infância,

⁴ Ginzburg (1989).

⁵ Bachelard (2005).

⁶ Agambem (2009)

⁷ Willians (2014)

sendo assim, o forjamento de seus personagens autobiográficos nos textos analisados, seriam baseados em narrativas ficcionais criadas pelo próprio escritor ou em obras que lera durante sua vida.

Com tal fato comprovado pelos métodos da pesquisa, o projeto pretende fazer um diálogo entre tais produções bio-ficcionais com informações documentalizadas sobre a vida do autor, a exemplo de sua filiação política-ideológica, tentando compreender se o recurso de ficcionalizar suas memórias não seria uma estratégia para ocultar fatos de sua vida dos seus textos autobiográficos, se os discursos não ditos⁸ são importantes para a compressão de sua estratégia de escrita.

A pesquisa pretende analisar a obra do autor enquanto teórico da experiência, e não apenas como um produtor de algum gênero específico de texto, as obras em foco serão observadas sobre o prisma documental/ficcional como uma manifestação da memória ficcionalizada, mas procurando compará-la com fatos, depoimentos, escritos teóricos fora da ficção de Rubem Fonseca. Seus relatos de experiências serão analisados sobre o viés teórico dos escritos de Giorgio Agamben (2005), para o qual:

Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado da sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo (AGAMBEN. 2005, p. 21).

Tendo posto que a concretude da experiência se faz no seu relato escrito, e fora dele paira a especulação. O principal problema que a pesquisa se propõe analisar é verificar se as obras José Rubem Fonseca (2011) e o Romance Morreu (2007), expõe Rubem Fonseca enquanto teórico da experiência e se seus discursos ficcionalizantes seriam uma estratégia para ocultar fatos de sua vida, desta forma, o autor fundaria uma “realidade” com base na sua subjetividade artística, o que mais uma vez corrobora com os argumentos de Agamben no que diz:

Se o artista busca, agora, em um conteúdo ou em uma fé determinada, a própria certeza, ele vive uma mentira, porque sabe que a pura subjetividade artística é a essência de qualquer coisa; mas se busca nela a própria realidade, ele se vê na condição paradoxal de ter que encontrar a sua própria essência exatamente naquilo que é inessencial, de encontrar o próprio conteúdo, naquilo que é apenas forma. A sua condição é, por isso, a dilaceração radical: e, fora dessa dilaceração, nele tudo é mentira (AGAMBEN. 2013, p. 96)

Rubem Fonseca busca sua essência naquilo que é inessencial, sua narrativa autobiográfica estar ao mesmo tempo dentro e fora do campo da ficção, de modo que funda realidades, mascara

⁸ Foucault (2009).

fatos vividos, contamina⁹ seu texto e suas memórias com um labirinto de citações e referências de incontáveis campos do conhecimento, e desta forma, faz de sua narrativa uma teia transdisciplinar. Este texto rizomático¹⁰, precisa de uma teoria rizomática para mapeá-lo, de uma perspectiva teórica que não se feche dentro dos seus muros, que se desloque sempre que for necessário. Assim, enquanto pesquisador, contínuo com um objeto de trabalho que me acompanha há quase oito anos, desde a graduação, passando por duas especializações, mas que agora viverá uma nova fase, em que o olhar lançado sobre ele possuirá elementos além de teóricos literários, políticos e transdisciplinar, deslocando-se um pouco do campo da análise estética e inserindo-se no crítico cultural.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte. Autêntica, 2013.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FONSECA, Rubem. *José Rubem Fonseca*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2011.
- FONSECA, Rubem. *O romance morreu: Crônicas*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- RICHARD, Nelly. *Globalización académica, estudios culturales y crítica latinoamericana*. En libro: *Cultura, política y sociedad Perspectivas latinoamericanas*. Daniel Mato. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005. p. 455-470. Acceso al texto completo: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/mato/Richard.rtf>.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Primeiros passos de um crítico cultural*. Salvador. Eduneb, 2015.
- SEIDEL, Roberto H. Crítica cultural, Crítica social e debate acadêmico e intelectual. In: *Revista de linguagem, cultura e discurso*. v. 5, n. 9. Julho a dezembro de 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4998460.pdf>.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica: Ensaio*. Belo Horizonte. Editoraufmg. 2012.

⁹ Santos (2015).

¹⁰ Deleuze e Guattari (1995).

